A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

GEORGE ORWELL

AVIS RARA

George Orwell

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

TRADUÇÃO

RAFAEL ARRAIS

APRESENTAÇÃO

Certa noite, Major, porco ancião de doze anos, com ar sábio e benevolente, teve um sonho estranho, que desejou compartilhar com os outros animais da Fazenda do Solar. Em virtude do alto conceito desfrutado por ele, os animais não se negaram a perder uma hora de sono só para ouvir o Major. Sua mensagem foi clara: todos os males da existência dos animais tinham origem na tirania dos seres humanos, representados na fazenda pelo sr. Jones, seu proprietário. Bastaria que os animais se livrassem dos homens para que pudessem se tornar prósperos e livres. "Esta é a minha mensagem para vocês, meus camaradas: rebelião!", bradou o Major.

Três noites depois, enquanto dormia, o velho Major morreu serenamente. Nos três meses seguintes, houve uma

intensa atividade conspirativa na fazenda. A tarefa de instruir e organizar os bichos para a rebelião prevista pelo Major recaiu sobre os porcos, os mais inteligentes entre os animais. Entre eles, destacaram-se dois jovens varões: Napoleão e Bola de Neve.

De aparência ameaçadora, Napoleão era pouco falante, mas com a reputação de ser dotado de grande força de vontade. Bola de Neve era mais falante e imaginoso, mas menos sólido de caráter. Eles organizaram os ensinamentos do Major num sistema de pensamento que chamaram de Animalismo, cujos princípios resumiram em sete mandamentos:

1. O que quer que ande sobre duas pernas é um inimigo.
2. O que quer que ande sobre quatro pernas ou que tenha asas é um amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais.

A revolução triunfou e o sr. Jones foi expulso da fazenda, que passou a se chamar Fazenda dos Animais. A analogia com a Revolução Russa de 1917 é evidente. O visionário Major, o despótico e paranoico Napoleão e o ativo Bola de Neve seriam, respectivamente, Lenin, Stalin e Trotsky. A Fazenda do Solar e a Fazenda dos Animais seriam, respectivamente, a

Rússia Czarista e a União Soviética. Mas assim como a Revolução Russa, a *Revolução dos Bichos*, depois de alguns anos, degenerou em um regime opressivo, violento e cruel. Uma ditadura não do proletariado, mas sim de alguns poucos privilegiados.

Em 1937, na Guerra Civil Espanhola, George Orwell, lutando como voluntário pela causa republicana em uma milícia de inspiração trotskista, toma conhecimento da brutalidade, dos expurgos e da opressão do regime de Stalin. Então, ele se converte em um antistalinista ferrenho e se convence de que a destruição do mito stalinista e da visão perigosamente romântica da Revolução Russa era essencial para um renascimento do movimento socialista.

Fruto dessa experiência, alguns anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, Orwell escreve *A revolução dos bichos*, que se torna um dos atos literários de destruição política mais devastadores do século XX. Moralista no sentido de alguém que não suporta deixar qualquer má conduta passar sem ser denunciada, ele tinha o defeito fatal de todo homem totalmente honesto: insistia na verdade mesmo quando era a verdade mais inconveniente.

Publicado em 1945, *A revolução dos bichos* ingressou rapidamente na imaginação política como uma parábola que revelava como os ideais sociais mais nobres se degradavam enquanto o poder totalitário continuava a falar em igualdade e fraternidade, resultando na corrupção da verdade e do significado. O exemplo mais flagrante e lamentável dessa

dinâmica é a transformação do sétimo mandamento do Animalismo de “Todos os animais são iguais” em “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”.

Em um ensaio de 1946, intitulado “Por que eu escrevo”, Orwell afirmou:

> Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo... A revolução dos bichos foi o primeiro livro que tentei, com plena consciência do que estava fazendo, fundir o propósito político e o propósito artístico em um todo.

Além de sátira política, *A revolução dos bichos* é um tratado da loucura humana, um brado de todos que anseiam pela utopia, um ensinamento alegórico e uma fábula na tradição esopiana. Enfim, uma pequena obra de arte, que é uma pregação apaixonada contra os perigos da inocência política e os totalitarismos de todos os tipos.

O editor.

CAPÍTULO 1

O sr. Jones, da Fazenda do Solar, havia fechado o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para lembrar de fechar as portinholas das galinhas. Com a luz da sua lanterna balançando de um lado para o outro, ele atravessou cambaleante o pátio, arrancou as botas ao atravessar a porta dos fundos, engoliu um último copo de cerveja do barril da copa e fez o caminho até a cama, onde a sra. Jones já roncava.

Assim que as luzes do quarto foram apagadas, houve um agito e um bater de asas em todos os galpões da fazenda. Ao longo do dia, correu o boato de que o velho Major (um porco que já havia sido premiado em exposições) teve um sonho estranho na noite anterior, e gostaria de falar sobre ele aos outros animais. Ficou combinado que todos

deveriam se encontrar no grande celeiro assim que o sr. Jones se recolhesse. O velho Major (todos os animais o chamavam assim, apesar de haver concorrido nas exposições com o nome de "Belo de Willingdon") era tão respeitado na fazenda que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para poder ouvir o que ele tinha a dizer.

No fundo do celeiro, sobre uma espécie de estrado de madeira, o Major já se encontrava deitado em sua cama de palha, sob a luz de um lampião pendurado numa das vigas. O Major já havia alcançado seus doze anos e estava um tanto corpulento, mas mesmo assim permanecia sendo um porco de porte majestoso, com um ar sábio e benevolente, embora suas presas jamais tenham sido cortadas. Em pouco tempo, os animais começaram a chegar e confortavelmente se aconchegar, cada um ao seu modo.

Primeiro chegaram os três cachorros, Bluebell, Jessie e Pincher, e depois vieram os porcos, que se sentaram na palha em frente ao estrado. As galinhas se empoleiraram no peitoril das janelas, as pombas voaram para as vigas do telhado, as ovelhas e as vacas permaneceram atrás dos porcos ruminando. Os dois cavalos de tração, Cascudo e Margarida, chegaram juntos, andando bem vagarosamente e acomodaram no chão seus enormes cascos peludos (com todo cuidado, de modo a não pisar em nenhum pequeno animal que pudesse estar oculto dentre a palha). Margarida era uma égua corpulenta, uma matrona já próxima da meia-idade, cujas curvas jamais voltaram ao que eram após

o nascimento do seu quarto potrinho. Cascudo, por sua vez, era um bicho enorme, com quase dois metros de altura, tão forte quanto dois cavalos comuns. Uma mancha branca que atravessava o seu focinho conferia um certo ar de estupidez e, de fato, ele não era lá tão esperto, no entanto era respeitado por todos pela sua retidão de caráter e sua tremenda disposição para o trabalho. Depois dos cavalos, vieram Muriel, a cabra branca, e Benjamim, o asno.

Benjamim era o animal mais velho da fazenda, e o mais ranzinza. Ele raramente se pronunciava, e quando falava, em geral era para dizer alguma coisa cínica. Por exemplo: ele dizia que Deus lhe deu uma cauda para que pudesse espantar as moscas, mas ele preferia que não houvesse nem cauda e nem moscas. De todos os demais animais da fazenda, ele era o único que nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, ele dizia que não via nenhum motivo para rir. Em todo caso, ainda que não admitisse abertamente, ele nutria certa afeição por Cascudo, com quem geralmente passava os domingos na pequena porteira além do pomar, pastando lado a lado sem jamais dizer uma palavra.

Os dois cavalos mal haviam se acomodado quando uma ninhada de patinhos órfãos entrou no celeiro, piando baixinho e se aventurando pelos cantos, buscando um local onde não corressem o risco de serem pisoteados. Finalmente Margarida ofereceu a proteção da sua pata dianteira, e os patinhos se aconchegaram em torno dela,

logo caindo no sono. No último instante, Mollie, a bela e tola égua branca que puxava a charrete do sr. Jones, apareceu no recinto se locomovendo com toda graciosidade, enquanto mastigava um torrão de açúcar. Ela pegou um lugar bem à frente e ficou saracoteando com sua crina branca, na esperança de chamar atenção para as fitas vermelhas que a enfeitavam. Após todos entrarem, veio a gata em busca como sempre de um local mais morno, que encontrou entre Cascudo e Margarida. Enfiou-se lá e ronronou satisfeita ao longo de todo o discurso do Major, sem ouvir uma só palavra de tudo que foi dito.

Agora todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia lá fora num poleiro atrás da porta dos fundos. Quando Major percebeu que todos já se encontravam bem acomodados e aguardando atentamente, limpou a garganta e iniciou:

— Camaradas, todos vocês já ouviram falar sobre o sonho estranho que eu tive na noite passada. Falarei, sim, mais tarde, contudo antes tenho outra coisa a dizer. Eu não acredito, camaradas, que estarei entre vocês por muito mais primaveras e, antes que eu morra, sinto ser minha obrigação passar a todos vocês a sabedoria que adquiri por todo esse tempo. Sim, eu tive uma longa vida e muito tempo para refletir enquanto permanecia solitário em meu chiqueiro. Hoje posso dizer que compreendo a natureza da vida nesta terra tão bem quanto qualquer outro animal vivo. É sobre isso que eu quero falar.

Então, camaradas, qual é a natureza da vida que levamos? Não vamos ignorar a realidade: nossa vida é miserável, curta e cheia de trabalho. Nós nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando e aqueles que são capazes são forçados a trabalhar até o último resquício de suas forças. E assim, no instante em que nossa utilidade acaba, somos abatidos com monstruosa crueldade. Nenhum animal em toda a Inglaterra conhece o significado da felicidade e do lazer após completar um ano de vida. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida de um animal é feita de miséria e de escravidão: essa é a dura verdade.

Mas tudo isso seria simplesmente parte da ordem da natureza? Nossa terra será tão pobre assim que não possa oferecer uma vida mais decente àqueles que a habitam? Não, camaradas, mil vezes não! O nosso clima é bom e o solo inglês é fértil, sendo perfeitamente capaz de dar comida em abundância a uma quantidade bem maior de animais do que o número atual. Só a nossa fazenda comportaria uma dúzia de cavalos, umas vinte vacas, talvez centenas de ovelhas — e todos eles vivendo em um nível de conforto e dignidade que agora se encontra praticamente além da nossa imaginação. Por que nós continuamos nesta condição miserável de vida? Porque a quase totalidade do produto do nosso trabalho nos é roubada pelos seres humanos. Aí está, camaradas, a resposta para todos os nossos problemas. Ela pode ser resumida numa única palavra — Homem. O

Homem é nosso único e verdadeiro inimigo. Retire o Homem da cena, e a raiz principal da fome e da sobrecarga de trabalho será cortada para sempre.

O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Ele não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado e não corre rápido o suficiente para apanhar uma lebre. Ainda assim, ele é o senhor de todos os animais. Ele nos coloca para trabalhar, paga o mínimo suficiente para que nós não passemos fome e fica com todo o resto. Nosso trabalho lavra o solo, nosso estrume o fertiliza e, no entanto, nenhum de nós possui mais do que a própria pele.

Ó vacas, vocês que vejo à minha frente, quantos milhares de litros de leite vocês devem ter produzido durante o último ano? E o que aconteceu com todo esse leite, que poderia muito bem estar alimentando bezerros robustos? Cada gota se perdeu pela goela dos nossos inimigos.

E vocês aí, galinhas, quantos ovos puseram o ano todo, quantos se tornaram novos pintinhos? Todo o restante foi direto para o mercado, para dar dinheiro a Jones e seus homens.

E quanto a você, Margarida, que diabos! Onde estão os seus quatro potrinhos, que deveriam ser o suporte e a alegria da sua velhice? Cada um deles foi vendido com um ano de idade, e você nunca os verá novamente. E o que você recebeu em troca dos seus quatro partos e por todo o seu trabalho no campo, além de um canto do estábulo e um tanto de ração?

Ora, e mesmo sendo tão miserável, nossa vida sequer tem a permissão de chegar ao fim de modo natural. Não reclamo da minha, pois fui um dos mais sortudos. Cheguei aos doze anos de idade e já fui pai de mais de quatrocentos porcos; essa é a vida de um porco reprodutor. Mas, no final das contas, nenhum animal escapa do cutelo. Vocês aí, jovens leitões sentados à minha frente, cada um de vocês soltarão guinchos pela vida no matadouro daqui a um ano. É para tal horror que todos nós nos encaminhamos — vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos!

Nem mesmo os cavalos e os cachorros escapam de tal destino. Você, Cascudo, no dia em que esses seus músculos grandiosos perderem o seu poder de tração, Jones o enviará ao carniceiro, que em seguida o degolará e cozinhará sua carne para alimentar os cães de caça. E quanto aos cachorros, quando enfim se tornarem velhos e desdentados, Jones vai amarrar uma pedra no pescoço de cada um, para em seguida atirar vocês no lago mais próximo.

Assim sendo, camaradas, não está claro e cristalino que todos os males da nossa existência nascem da tirania dos humanos? Basta, portanto, que nos livremos do Homem, para que todo o produto do nosso trabalho permaneça conosco. Nós poderíamos nos tornar ricos e livres praticamente da noite para o dia. Então o que devemos fazer? Trabalhar, trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada da raça humana!

Esta é a minha mensagem para vocês, meus camaradas: Rebelião! Eu não sei dizer quando se dará essa Rebelião, poderá vir dentro de uma semana ou daqui a um século, mas eu sei de uma coisa, com tanta certeza quanto a de estar vendo esta palha debaixo dos meus pés: mais cedo ou mais tarde, a justiça será feita. Mantenham isso em foco, camaradas, pelo pouco tempo que ainda nos resta viver! Mas, acima de tudo, transmitam a minha mensagem para aqueles que virão depois de vocês, para que nossas futuras gerações possam continuar na luta até que chegue a vitória.

E lembrem-se, camaradas: a determinação de vocês não deve fraquejar jamais. Nenhum argumento poderá desviar vocês dela. Quando tentarem convencer de que o Homem e os animais partilham dos mesmos interesses, dizendo que a prosperidade de um é a prosperidade de todos, simplesmente fechem os seus ouvidos: é tudo balela, tudo mentira! O Homem não serve a nenhum outro interesse além do seu próprio.

Que prospere, assim, entre nós animais uma perfeita unidade, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.

Nesse momento houve um tremendo rebuliço. Enquanto o Major discursava, quatro ratazanas haviam rastejado para fora de seus buracos e estavam sentadas nas patas

traseiras, escutando tudo o que era dito. Mas os cachorros perceberam sua presença, e somente por terem se enfiado bem rápido de volta nos buracos, as ratazanas conseguiram escapar com vida. O Major levantou sua pata e pediu silêncio, dizendo em seguida:

— Camaradas, eis um ponto que precisa ser resolvido. As criaturas selvagens, como os ratos e os coelhos, serão nossas amigas ou nossas inimigas? Vamos colocar esse assunto em votação. Eu proponho à assembleia a seguinte questão: os ratos são nossos camaradas?

Os votos foram dados em seguida e, por uma maioria esmagadora, ficou acordado que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cachorros e a gata (depois se descobriu, ela votou pelos dois lados). O Major prosseguiu:

— Não tenho muito mais a dizer. Apenas repito: lembrem-se sempre do seu dever de inimizade para com o Homem e com todas as suas manias. O que quer que ande sobre duas pernas é um inimigo. O que quer que ande sobre quatro pernas ou que tenha asas é um amigo. E, da mesma forma, lembrem-se de que em nossa luta contra o Homem nós não devemos nos comportar como ele. Mesmo depois de derrotado, não adotem os seus vícios. Nenhum animal deve jamais viver numa casa, nem dormir numa cama, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro ou se envolver com o comércio. Todos os hábitos do Homem são maus. E, acima de tudo,

nenhum animal deverá jamais ser um tirano para com a sua própria gente. Fortes ou fracos, espertos ou simplórios, nós somos todos irmãos. Todos os animais são iguais.

E agora, camaradas, vou contar sobre o meu sonho da noite passada. Eu não posso descrevê-lo inteiramente a vocês. Foi um sonho sobre como será a Terra após o Homem ter desaparecido dela. O sonho me lembrou de algo que eu havia esquecido há tempos. Há muitos anos, quando eu ainda era um pequeno leitão, minha mãe e outras porcas costumavam cantar uma canção antiga, que só conheciam a melodia e as três primeiras palavras. Eu aprendi essa melodia na minha infância, mas ela já havia sumido da minha mente há bastante tempo. Na noite passada, no entanto, ela retornou em meu sonho. E o mais interessante é que os seus versos também reapareceram: tenho por certo que eram os mesmos que foram cantarolados pelos nossos ancestrais e depois esquecidos por muitas gerações.

Eu vou cantar para vocês a canção do meu sonho, camaradas. Estou velho, e minha voz um tanto rouca, mas quando eu ensinar a melodia, vocês poderão cantar essa canção melhor do que eu. Ela se chama "Bichos da Inglaterra".

Em seguida, o velho Major limpou a garganta e começou a cantar. Como ele avisou, a sua voz era rouca, mas dava para o gasto; e a melodia era bem viva, algo entre "Clementine" e "La Cucaracha". Os versos diziam assim:

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,
Bichos daqui e acolá,
Ouçam minhas alegres notícias
De um tempo dourado que virá.

Mais cedo ou mais tarde chegará o dia
Quando os Homens Tiranos cairão,
E nos campos férteis da Inglaterra
Só os bichos andarão.

As argolas sumirão dos nossos focinhos,
E as celas de nossas costas;
A espora e o estribo irão enferrujar,
E os chicotes deixarão de estalar.

Riquezas além da imaginação,
Trigo e cevada, feno e aveia,
Muita pastagem, raízes e feijão,
Tudo será só nosso.

Ó Inglaterra, seus campos irão brilhar,
Suas águas serão mais puras,
Suas brisas serão mais doces,
No dia que vier nos libertar.

Por este dia todos devemos lutar,
Mesmo que morramos antes da sua alvorada;

Vacas e cavalos, gansos e perus,
Todos juntos para termos a liberdade retomada.

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,
Bichos daqui e acolá,
Ouçam bem e espalhem a novidade
De um tempo dourado que virá.

A canção levou os animais do celeiro à extrema excitação. Antes mesmo do Major ter encerrado, eles já começaram a cantar por contra própria. Até mesmo os bichos mais estúpidos conseguiram memorizar uma parte da melodia e dos versos; já os mais espertos, como os porcos e os cachorros, conseguiram cantar a canção inteiramente de memória em poucos minutos.

Então, após algumas tentativas preliminares, todos os animais cantarolaram "Bichos da Inglaterra" como se fossem um só. As vacas mugiram a melodia, os cachorros a ladraram, as ovelhas a baliram, os cavalos a relincharam, os patos a grasnaram. Todos ficaram tão encantados com a música que cantaram cinco vezes sem parar, do início ao fim — e poderiam ter continuado noite adentro, caso não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente toda aquela balbúrdia acordou o sr. Jones, que pulou da cama certo de que havia uma raposa solta pela fazenda. Ele apanhou a espingarda (que estava sempre a postos num canto do quarto) e disparou um tiro

de chumbo grosso na noite escura. O chumbo acabou acertando a parede do celeiro, e a reunião se encerrou de uma hora para outra. Cada animal correu rapidamente para o seu local de dormir. As aves saltaram para seus poleiros, os bichos se deitaram na palha e, rapidamente, toda a fazenda dormia.